

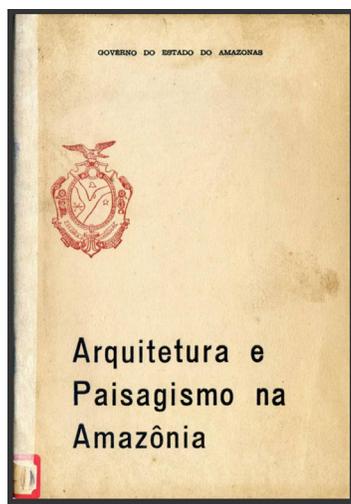


MOREIRA, Eidorfe. *Amazônia: o conceito e a paisagem*. Rio de Janeiro: SPVEA (Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia), 1960. 94 p. sem ISBN.

Eidorfe Moreira (1912-1989), professor e pesquisador da UFPA, funcionário da SPVEA a convite do então diretor Arthur Cezar Ferreira Reis em 1954, foi um pensador sobre a Amazônia que vem sendo recuperado na literatura especializada. Entre suas publicações, *Belém e sua expressão geográfica* (1966), *Os igapós e seu aproveitamento* (1970), *Visão geo-social do Círio* (1971) e *Influências amazônicas no Nordeste* (reflexos da fase áurea da borracha) (1982) estão entre suas principais reflexões.

O ensaio “O conceito da Amazônia” foi publicado no jornal *Folha do Norte* em 1955 e, revisado e ampliado, resultou no livro que ora se registra. Conforme o próprio autor, trata-se de um esforço para definir o conceito de Amazônia a partir de critérios de hidrografia, fitogeografia, zoogeografia, política e economia, a partir do qual se caracteriza a noção de região. Suas posições foram importantes no contexto de uma Amazônia em discussão nos anos 1950, dentro de ações governamentais voltadas a intervenções na região como tentativas de inseri-la na economia nacional.

Artigos recentes mostram a importância e atualidade do pensamento de Moreira, como nos ensaios de Guimarães & Castro (“O olhar de Benedito Nunes sobre a obra de Eidorfe Moreira”, *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 10, n.3, 2015), Oliveira Jr. (“Amazônia: paisagem e região na obra de Eidorfe Moreira”, *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 10, n. 3, 2015) e Edir Augusto Dias Pereira (“Uma leitura da concepção geográfica de Eidorfe Pereira”, *GEOgraphia*, v. 16, n. 31, 2014).

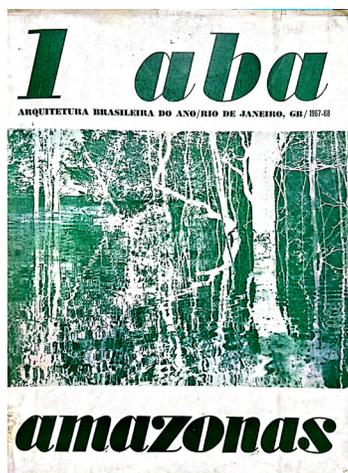


TOCANTINS, Leandro. *Arquitetura e paisagismo na Amazônia*. Manaus: Governo do Estado de Amazonas, 1966. 20 p., sem ISBN. Disponível em: <https://issuu.com/bibliovirtualesec/docs/arquitetura_e_paisagismo_na_amazoni>

Com apresentação de Arthur Cesar Ferreira Reis, este pouco conhecido ensaio de 15 páginas, publicado em 1966 por Leandro Tocantins, constitui um raro libelo de um não-arquiteto propugnando a criação de uma arquitetura adequada: “Venho, há tempo, insistindo na criação de uma arquitetura amazônica ecologicamente amazônica, assustado com a proliferação, em Belém e Manaus, e outras cidades do Vale, de casas inadaptáveis ao clima tropical, verdadeiras arrogâncias de mau senso, a causarem problemas de higiene, de saúde, de bem-estar, nem sempre percebidos pelos moradores ou proprietários muito anchos em desfrutar uma ‘casa moderna’ ou ‘funcional’, como erroneamente julgam, porque o moderno nem sempre se casa com o funcional e nem o funcional se expressa daquela maneira no clima quente e úmido do Equador.” Sem perder uma perspectiva ampla (“sou daqueles que veem a Arquitetura como um fenômeno global”), faz um diagnóstico sobre o problema da habitação amazônica, critica o Banco

Nacional da Habitação (BNH), elogia as obras de Oswaldo Bratke no Amapá, propõe convidar Roberto Burle Marx para projetar na Amazônia, elogia a contratação do arquiteto Luiz Carlos Antony (“que pertenceu à equipe de urbanistas de Sergio Bernardes”) e também as obras (ainda não construídas) de Severiano Porto em Manaus.

O belenense LEANDRO TOCANTINS (1919-2004) foi escritor, jornalista e historiador. Entre suas principais obras estão *O rio comanda a vida* (interpretação da Amazônia) (1952), *Formação Histórica do Acre* (1961) e *Santa Maria de Belém do Grão-Pará* (1963).



AMAZONAS. ABA – Arquitetura Brasileira do Ano. Rio de Janeiro, n. 1, 1967-1968. Edição especial. 238 p. illus., bilíngue.

Primeira publicação dedicada exclusivamente à arquitetura do Amazonas, do editor que publicava a revista quadrimestral de arquitetura ABA-CAB na década de 1960.

Conteúdo: textos de Vicente B. Gagliardi (“A nova arquitetura do Amazonas – do editor”), Joaquim Justino Alves Bastos (“O mundo amazônico”), Arthur Cezar Ferreira Reis (“O mundo amazônico – terra, floresta, água e ar”), Leandro Tocantins (“Aspectos da arquitetura tradicional de Manaus”), Luiz Miranda Correa (“Turismo no Amazonas”), Maurício Joppert da Silva (“Considerações sobre o lago e os problemas atuais da Amazônia”), Eudes Prado Lopes (“Uma solução global para o problema amazônico”), Alberto Rocha (“Como encarar o problema”), Orlando Valverde (“Novas perspectivas econômicas para os trópicos úmidos – o exemplo da Amazônia”), Paulo Santos (“Manaus – seu nome”), Luiz de Miranda Corrêa (Manaus faz 300 anos), “O Ministério do Interior e o Amazonas”; projetos de Antony & Pereira da Cunha (Plano Diretor de Manaus, Plano de Urbanização do Bairro da Raiz, Palácio da Cultura Lôbo D’Almada, sede do DER), Cesar Oiticica (clima e materiais na habitação popular, sede da Secretaria de Coordenação e Planejamento e CODEAMA), Severiano Porto (edifícios para a CAMTEL, Polícia Militar, Secretaria da Produção, remodelação do Parque 10 de Novembro, hotel para região de caça e pesca (versão inicial da Pousada de Silves), restaurante Chapéu de Palha, escolas pré-fabricadas, residência do arquiteto), Sergio Bernardes (Novos hotéis no Estado do Amazonas).

nização do Bairro da Raiz, Palácio da Cultura Lôbo D’Almada, sede do DER), Cesar Oiticica (clima e materiais na habitação popular, sede da Secretaria de Coordenação e Planejamento e CODEAMA), Severiano Porto (edifícios para a CAMTEL, Polícia Militar, Secretaria da Produção, remodelação do Parque 10 de Novembro, hotel para região de caça e pesca (versão inicial da Pousada de Silves), restaurante Chapéu de Palha, escolas pré-fabricadas, residência do arquiteto), Sergio Bernardes (Novos hotéis no Estado do Amazonas).



MAGALHÃES, Maria das Graças S. Dias; SOUZA, Carla Monteiro de (Org.). Roraima/Boa Vista: temas sobre o regional e o local. Boa Vista: Editora da Universidade Federal de Roraima, 2012. ISBN 979-85-60215-82-9

Coletânea de textos de autoria de professores e pesquisadores de Roraima, organizada em três eixos: historiografia local/regional, estruturação e gestão do espaço e de seus recursos e questões fronteiriças, de interesse multidisciplinar. Os artigos são: “Somos Brasil: o ritual do 7 de Setembro na construção da identidade nacional em Boa Vista entre as décadas de 1940 e 1970”; “Agentes educacionais em Boa Vista/Roraima nos anos 1945 e 1946”; “Território Federal do Rio Branco: realidade e legalidade”; “Uma visão sobre os ribeirinhos do Baixo Rio Branco – Roraima”, “Roraima: possibilidades e impossibilidades da formação de uma elite regional”; “Rugosidades e tendências atuais na dinâmica de produção do espaço urbano de Boa Vista”; “Desvendando labirintos: notas acerca da formação socioespacial da cidade de Boa Vista – Roraima”; “Estado de Roraima: captação de recursos hídricos em áreas degradadas para projetos de piscicultura”; “Guiana e Brasil/Roraima: caminhos compartilhados”; “História das relações entre Brasil, Venezuela e Guiana: Boa Vista como ‘cidade-pivô’ na integração da América do Sul”.

MARIA DAS GRAÇAS SANTOS DIAS MAGALHÃES e CARLA MONTEIRO DE SOUZA são doutoras em História pela PUC/RS, professoras do Curso de História, do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Fronteira, Pós-graduação em Desenvolvimento Regional da Amazônia (Magalhães) e Pós-Graduação em Letras (Souza) da Universidade Federal de Roraima.



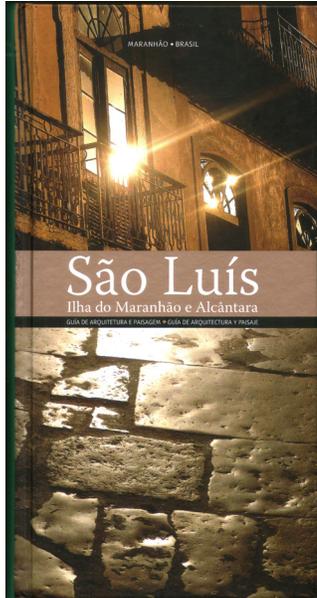
PORTOCARRERO, José Afonso Botura. Tecnologia indígena em Mato Grosso: habitação. Cuiabá: Entrelinhas, 2010230 p. ilus. ISBN 978-85-7992-006-6

O estudo do desenho e dos aspectos construtivos das habitações tradicionais de dez povos indígenas em território do Mato Grosso é o objeto deste trabalho, originalmente uma tese de doutoramento defendido na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU USP). Resulta do esforço em desenvolvimento desde 2002 dentro do grupo de pesquisa Tecnoíndia da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), com a participação de professores e estudantes do Curso de Arquitetura.

Trata-se de estudo teórico, histórico-bibliográfico e etnográfico com levantamento de campo e análises do desenho vernacular das casas indígenas dos Bakairi, Bororo, Irantxe, Kamayurá, Karajá/Javaé, Myky, Paresí, Yawalapiti, Umutina e Xavante. Iconografia histórica, croquis de pesquisa de campo, plantas, cortes e perspectivas dos

exemplares das moradias fazem parte de um registro inédito, que compõe ao mesmo tempo a memória técnico-construtiva do saber dos grupos indígenas estudados. Como corolário, o autor apresenta alguns de seus projetos arquitetônicos, desenvolvidos e/ou construídos na primeira década do milênio, no qual o conhecimento sobre a arquitetura indígena tradicional é retrabalhado em edifícios urbanos contemporâneos.

JOSÉ AFONSO BOTURA PORTOCARRERO é professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFMT, do qual foi um dos fundadores. É doutor pela FAU USP, mestre em História pela UFMT, com especialização em planejamento urbano na Universidade de Dortmund, Alemanha.



SÃO LUÍS Ilha do Maranhão e Alcântara: guia de arquitetura e paisagem. Sevilla: Consejería de Obras Públicas y Transportes, Dirección General de Arquitectura y Vivienda, 2008. 448p. ilus., edição bilingue espanhol-português. ISBN 978-84-8095-544-7.

Este livro é um dos inúmeros frutos da iniciativa da Junta de Andalucía em publicar guias de arquitetura contemplando cidades-patrimônios da América Latina, realizadas em cuidadosas parcerias envolvendo governos locais e a patrocinadora espanhola. Foram edições primorosamente editadas enquanto pesquisa e iconografia, com fotografias elaboradas especialmente para as publicações.

São Luís (Patrimônio da Humanidade pela Unesco) e Alcântara são duas cidades cuja arquitetura e urbanismo remetem sobretudo à memória urbana do passado colonial e oitocentista.

Contrariando uma possível expectativa focada em exemplares de arquitetura anteriores ao século XX, o guia tem uma abordagem que incorpora plenamente exemplares do século passado como parte do patrimônio urbano. Um dos roteiros traçados se realiza com “Um passeio pela Avenida Moderna”. Inúmeras obras de arquitetura moderna e contemporânea são destacadas ao longo dos roteiros, como a sede dos Correios e Telégrafos (1935), edifícios de gosto Art Déco como prédio comercial da Rua Grande, 28 (década de 1940), residência na Rua do Sol, Cine Roxy (1939), Palácio do Comércio

(1943); modernidades anônimas e inclassificáveis como o Edifício Sulacap (1950), Cine Monte Castelo (1960), DNER (1958) e obras mais recentes, como a agência do Banco do Brasil (1977), Ministério da Fazenda (1979), Hospital Sara Kubitschek (1988), Capela de São Pedro (2001), Praça Maria Aragão, de Oscar Niemeyer (2001), entre tantos exemplares, fazem parte das obras selecionadas pelo guia.

O ensaio “Arquiteturas do século XX” no livro é de autoria de Grete Pflueger e José Antonio Viana Lopes.